

infectados, que se domicíliam em habitações de baixa qualidade nas zonas rurais. Este ciclo foi alvo de campanhas bem-sucedidas de combate à DC pelo Ministério da Saúde, no entanto a transmissão oral da DC causada pela ingestão de alimentos (caldo de cana, açaí e bacaba) com presença de partes de triatomíneos infectados tem se tornado cada vez mais importante. O entendimento dos fatores envolvidos na epidemiologia dessa mudança no perfil da DC é um passo necessário para a elaboração de políticas públicas para o seu combate. Este trabalho avaliou a evolução epidemiológica da DC, identificou as áreas prioritárias para seu combate e as características da sua transmissão no cenário brasileiro. O Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) armazena as notificações obrigatórias da forma aguda da Doença de Chagas, estes dados foram coletados e interpretados em um estudo descritivo (software Epi Info™ v7.2) e posteriormente usados para a formulação de mapas (software QGIS v2.18) e identificação de *clusters* espaços temporais (software SatScan v9.4.4). Os resultados obtidos revelaram a existência de uma drástica alteração no ciclo da doença e na distribuição dos casos entre as regiões. Até 2006 o tipo de transmissão predominante foi o vetorial, contudo a partir de 2007 a via oral se tornou a principal forma de transmissão, porém a expressividade deste novo ciclo foi subestimada nos anos anteriores, uma vez que a inclusão da opção “oral” no campo “tipo de transmissão” da ficha de notificação somente se deu em 2007. A análise geográfica identificou dois *clusters* espaço-temporais: um no Nordeste brasileiro no período de 2003 a 2006, no qual o número de casos superou em 25 vezes o esperado (Risco relativo, 25,16; $p < 0,01$), e outro na região Norte com um número de casos 3,5 vezes superior ao esperado (Risco relativo, 3,49; $p < 0,01$). A Doença de Chagas, em sua forma de transmissão clássica, foi combatida com sucesso pelo Serviço de Saúde brasileiro principalmente a partir do ano 2003, todavia o estabelecimento de um outro tipo de ciclo epidemiológico, em outra área e com outras características de transmissão, fez que a doença reemergisse. Por fim, na atualidade, há a necessidade de investimentos em novas estratégias que se mostrem tão bem-sucedidas para o combate da transmissão oral quanto as implementadas para a transmissão vetorial da Doença de Chagas.

07 ESTUDO DESCRITIVO DOS ACIDENTES OFÍDICOS REGISTRADOS EM BELO HORIZONTE, ESTADO DE MINAS GERAIS, BRASIL, NO PERÍODO DE 2007 A 2015

ARCEBISPO, T. L. M.¹; OLIVEIRA, T. M.¹; BEGALLI, J. H.¹; MOL, L. P.²; SILVA, M. X.³

¹ Mestre em Ciência Animal da Escola de Veterinária da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

E-mail: arcebispotlm@gmail.com.

² Mestranda em Ciência Animal da Escola de Veterinária da UFMG.

³ Docente e doutor em Ciência Animal da Escola de Veterinária da UFMG.

Os acidentes ofídicos têm grande relevância nos países tropicais pelo alto número de vítimas e pela gravidade dos casos. No Brasil, há registro de ocorrências em torno de 20 mil casos por ano. Comumente esse tipo de agravo é relacionado às atividades ocupacionais rurais, no entanto Belo Horizonte, uma área extremamente urbanizada, apresenta um número significativo de acidentes por serpentes, o que justifica a investigação epidemiológica dos respectivos fatores de risco. Dessa forma, este trabalho analisou os registros de ocorrências de acidentes ofídicos verificados na capital do estado de Minas Gerais no período compreendido entre os anos de 2007 a 2015 e levantou as variáveis possivelmente associadas a esse agravamento. A investigação consistiu na interpretação dos dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) com a elaboração de gráficos e tabelas utilizando o software Epi Info™. No referido período, ocorreram 139 acidentes ofídicos em Belo Horizonte com uma média de 15,4 casos por ano. Dentre estes acidentes, 23 (17%) foram causados por serpentes peçonhentas dos gêneros *Bothrops*, *Crotalus* e *Micrurus*, e 18 (13%) foram classificados como moderados ou graves resultando em óbito. A média de casos por mês no período de outubro a abril foi 150% maior que no restante do ano e sua distribuição ao longo dos anos apresentou uma evidente ciclicidade de quatro anos. Do ponto de vista ecológico, tais eventos indicam que Belo Horizonte mantém áreas verdes que permitem a sobrevivência de ofídios, com destaque para as espécies peçonhentas que ocupam um nível trófico superior. Tal fato é um forte indicador de saúde do ecossistema, porém essa prevalência de acidentes cíclica e inalterada ao longo de nove anos aponta para a necessidade da implementação de uma política de prevenção voltada à orientação da população que acessa as áreas de frequente ocorrência de acidentes ofídicos.